

## *Iroko: Memórias Silenciadas de Joãozinho da Goméia*

Ivo Edgar Ramos Viluce<sup>1</sup> & Renata Rozental Sancovsky<sup>2</sup>

1. Não Bolsistas PIBIC, Discente do Curso de Licenciatura em História, *ICHS/UFRRJ*; 2. Professora do *DHRI/ICHS/UFRRJ*

*Palavras-chaves: esquecimento; memória; João da Goméia.*

### **Introdução**

Este projeto está em fase inicial de desenvolvimento. A pesquisa tem como foco o estudo da personagem de João Alves de Torres Filho, conhecido como “Joãozinho da Goméia”. Foi um pai de santo do Candomblé de Angola e teve o seu terreiro localizado na cidade de Duque de Caxias (RJ). Este pai de santo foi de grande influência para o Candomblé. Como sacerdote e dançarino conseguiu atingir um *status* de reconhecimento inigualável entre seus pares: o nível de “Rei do Candomblé”. Adquiriu este título em Salvador, a partir da primeira metade da década de 1940, trazendo-o para o Rio de Janeiro no ano de 1946, quando se instala em Duque de Caxias. A fama pública deste “zelador de Orixá” foi tanta que se tornou pessoa próxima à família do então presidente Juscelino Kubistchek, e seu terreiro fazia parte do itinerário das linhas de transporte público da cidade de Duque de Caxias (GAMA, 2014). Contudo, com a morte deste pai de santo em 1971, inicia-se um processo de “amnésia” (termo usado por Le Goff, na obra *História e Memória* [1924]), ou apagamento político e sociorreligioso de sua memória. O principal objetivo desta pesquisa é, assim, a partir das discussões sobre as formas de “esquecimento de memória”, dar uma possível resposta para a questão: “Como e /ou por que a memória de Joãozinho da Goméia foi “esquecida” ou “apagada”? Este processo da “amnésia” foi consciente ou inconsciente? Se consciente, quais seriam os principais motivos para que a memória de João da Goméia fosse “esquecida”? Algumas respostas prévias partem das discussões teóricas sobre a dinâmica entre memória e esquecimento, providas de autores como Jacques Le Goff e Paul Ricoeur. Ambos afirmam que a memória pode sofrer um processo de apagamento, respectivamente, consciente ou inconsciente, e este processo irá ter efeitos diretos na memória coletiva, nacional, ou de grupos sociais específicos. Em nosso caso, estamos nos referindo aos cidadãos da cidade de Duque de Caxias, e dos adeptos do Candomblé, em específico. E por nosso ponto de vista, afetando igualmente os membros do Candomblé de Angola.

### **Metodologia**

A metodologia de pesquisa deste trabalho segue a orientação do campo da História Oral, a partir do ponto que entende que este campo não empreende um quadro teórico e sim metodológico que liga a teoria da História à prática, como bem afirmam Marieta de M. Ferreira e Janaína Amado (2006). No campo teórico, esta pesquisa se orienta pelos debates da História Social, mais enfático no campo da História da Memória, tendo como principal linha as noções apresentadas por Henry Rousso (1992) que define a memória como “preservadora” dos acontecimentos passados e como caráter essencial para formação da identidade individual e coletiva. Quanto ao debate sobre o “esquecimento da memória” esta pesquisa se orienta pela ideias supracitadas de Jacques Le Goff (1924) e Paul Ricoeur (2007). As fontes primárias deste trabalho serão depoimentos orais de acadêmicos que, candomblecistas ou não, escreveram sobre João da Goméia; depoimentos de não-acadêmicos que escreveram sobre o pai de santo; e membros da família de santo da Goméia. A partir destas entrevistas, e mediante suas análises, esta pesquisa buscará a resposta para as questões levantadas anteriormente no campo da “Introdução”.

## **Resultados e Discussão**

Esta pesquisa em fase inicial busca mostrar se os silenciamentos da memória de João da Goméia foram de fato processos conscientes ou inconscientes, e quais os efeitos de ambos os casos para a memória coletiva dos adeptos do Candomblé, sendo alguns cidadãos da cidade de Duque de Caxias (RJ). Por um lado, indagamos se tais silenciamentos trouxeram algum tipo de benefício políticorreligioso a grupos sociais específicos da região. João da Goméia era negro, homossexual, e pai de santo, e alcançou um patamar social bastante elevado dentro de sua comunidade. Buscaria a política local apagar sua memória para que esta não fosse foco de construção de novas identidades e continuidades por seus adeptos? Que não aparecessem novos personagens como ele ou que fosse substituído? Por outro lado, caso tais silenciamentos tenham sido fruto de processos inconscientes, a memória do pai de santo entraria em um grupo recorrente de personalidades que, com o tempo, vão sendo esquecidas e acabam tendo as suas memórias apagadas da mentalidade de suas comunidades de origem.

## **Conclusão**

A partir das diversas abordagens aqui referidas, esta pesquisa busca mostrar como a memória de uma personagem pode ser “apagada” da mente dos indivíduos, neste caso a memória de João Alves de Torres Filho (Joãozinho da Goméia). E, especificamente, como os adeptos do Candomblé de Angola tiveram a memória deste pai de santo “apagada” de seus imaginários.

## **Referências Bibliográficas**

- GAMA, Elizabeth C.. Mulato, homossexual e macumbeiro: que rei é este? Trajetória de João da Goméia (1914-1971). Série Recôncavo da Guanabara, vol. 2. Duque de Caxias: APPH-CLIO, 2014.
- FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína (orgs). Usos e abusos da história oral. 8. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. 5. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- ROUSSO, Henry. La mémoire n'est plus ce qu'elle était. In: Écrire l'histoire du temps présent. Paris, CNRS, 1992. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína (orgs). Usos e abusos da história oral. 8. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 93-101.